

## A CONSTITUIÇÃO DE *FRAMES* EM CARTAS DO LEITOR

Isabel Cristina CORDEIRO  
Rosemeri Passos Baltazar MACHADO<sup>1</sup>

*ABSTRACT: The language user learns to establish strategies to argue efficiently using the resources offered by the language itself, that is, the concept within the cognitive model in which the reader integrates with the text using mental operations to construct meanings in reading. In this work will be studied the meanings build by the reader, revealing the complementary relationship present in the field of Textual Linguistics, Argumentative Semantics and together with Cognitive Reading Theory. The selected corpus is compounded by two reader's letter, a highly argumentative textual genre and product of a social interaction that reflects a critical eye of those who participate in this interactive activity. The objective is to lead the reader to identify the discursive aspects that permeate the reading. The proposed analysis deals with the mental cognitive models – specially the frames – relating them to the adjectivation and lexical selection resources.*

*Keywords: meanings; reading; frames.*

### 1. Introdução

Se existe um gênero que, de fato, demonstra o quão participativo e atuante é o leitor, é a Carta do Leitor. Como o próprio termo leva a crer, trata-se de um gênero em que o diálogo é instaurado na mais ampla concretude que exige o momento da interação comunicativa, não só com o jornal ou revista e sua linha editorial, mas também com outros possíveis leitores, com a sociedade em geral. É o meio pelo qual insatisfações, problemas, casos polêmicos, acontecimentos importantes etc. são abordados, retomados e, muitas vezes, colocados em discussão. Tais aspectos vêm corroborar com a chamada Teoria da Enunciação, do lingüista Emile Benvenist (1902 -1976), para quem a intersubjetividade deve ser a tônica para qualquer estudo relacionado à comunicação, à produção dos discursos e de seus efeitos de sentidos. De acordo com este autor, “a língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele” (BENVENISTE, 1995, p.84).

Dessa forma, o texto passa ser visto de forma empírica e dinâmica, como um acoplado de sentidos pronto para ser lido, interpretado, analisado e reconstruído. Por isso, o presente trabalho pretende estudar o texto a partir de sua materialidade linguística e do componente sócio-histórico, entendendo-o como suporte para a manifestação discursiva. E a partir daí identificar os aspectos discursivos presentes na leitura e, conseqüentemente, as estratégias de produção/compreensão que esse sujeito leitor aciona, tornando-o, assim, mais crítico e perspicaz.

A opção por trabalhar com textos da mídia impressa – Carta do Leitor – justifica-se pelo caráter argumentativo que esse gênero possui, assim como por apresentar temas atuais e, por vezes, polêmicos e também pelo veículo (Revista Veja) ser de grande circulação na sociedade.

No que se refere à leitura, pode-se dizer que o leitor é, de fato, um dos elementos mais atuantes no processo comunicativo, pois é a partir da ativação de seus conhecimentos prévios

---

<sup>1</sup> Doutoradas; Universidade Estadual de Londrina.

que a interação vai se instaurando e outros procedimentos, relacionados à leitura/compreensão, sendo ativados. Assim sendo, a ideia de texto também vai mudando e ele deixa de ser resultado apenas de um (no caso o produtor) e passa a constituir uma unidade de sentidos nascida de uma interação. Como preceitua GERALDI (1991), essa transformação visa a considerar o texto como ponto de partida e, ao mesmo tempo, como ponto de chegada, entendendo-o como uma unidade completa de sentido. Por isso a necessidade de se pensar num modelo cognitivista de leitura, em que produtor e leitor participam conjuntamente na construção do sentido do texto.

É por meio de inferências que o leitor estabelece interrelações e, conseqüentemente compreende os sentidos do texto. Desse modo, o leitor vai angariando conhecimentos e formando um bloco de informações que fica armazenado em sua memória.

## 2. Estratégias de leitura e modelos cognitivos globais

Ao tomar o texto como processo envolvido numa atividade dinâmica e não mais como um produto, faz-se necessário enxergar o leitor também por um outro prisma, ou seja, como um sujeito que interage e atua no processo de significação do texto.

Segundo KOCH (2004), a virada cognitivista ocorreu na década de 80, quando os estudos do texto passaram a ser acompanhados de processos de ordem cognitiva.

“Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso”. (p. 21)

Ainda seguindo a abordagem cognitivista, outra questão relevante é saber que, em termos de interpretação, as condições de produção devem ser consideradas. O texto não é uma unidade autônoma; tanto é situado pelo contexto, como cria contextos. Dentro de uma abordagem cognitiva, o trabalho de VAN DIJK (1992) procura mostrar que contextos são ‘construtos mentais’ (baseados socialmente), ou modelos de memória. “Antes que os usuários da língua sejam capazes de relacionar as informações recebidas com o conhecimento lingüístico mais geral e outros conhecimentos arquivados na memória, eles devem analisar o contexto em relação ao qual um determinado ato de fala é realizado” (p. 80). Para o autor, contextos necessitam de uma definição cognitiva para explicar como estruturas sociais podem influenciar estruturas discursivas, por intermédio da mente dos sujeitos sociais.

O processo cognitivo de leitura mostra que há uma relação direta entre leitor e texto enquanto objeto, entre a linguagem escrita e a compreensão, entre a memória, inferência e pensamento. E, como não poderia deixar de ser, ao falar em leitura, inferência e texto, é importante comentar a respeito das estratégias de leitura. Independentemente do objetivo de leitura e do tipo de tarefa, os leitores utilizam estratégias de leitura, operações utilizadas para abordar o texto, as quais podem ser cognitivas - operações inconscientes - e metacognitivas - passíveis de controle consciente, pois partem do senso comum.

A inferência é uma estratégia cognitiva muito utilizada na leitura e está relacionada com o implícito, ou seja, o leitor, ao ativar seus conhecimentos prévios a respeito do assunto é capaz de fazer inferências, relações de sentido entre os elementos do texto e apreender os efeitos de sentido propostos. Segundo MARCUSCHI (1984, p. 25), a inferência permite ao leitor “construir novas proposições a partir de outras já dadas”

O conhecimento prévio funciona como uma espécie de arquivo, isto é, para se chegar à

compreensão, as informações são buscadas na memória. Em seu trabalho, MARCUSCHI (1984) apresenta várias teorias a respeito da relação entre a memória e a compreensão textual. Alguns acreditam que os conhecimentos armazenam-se em unidades fixas chamadas *frames*. Pode-se dizer que os *frames* fazem parte do chamado conhecimento partilhado socialmente, é esse conhecimento que propicia ao leitor preencher as lacunas e, assim, recuperar, automaticamente, os vazios no texto. Segundo Van Dijk (1992), *frame* é conceituado como um conhecimento estereotípico socialmente partilhado e armazenado na memória semântica.

Outra estratégia cognitiva utilizada na leitura é a previsão. É constituída pela habilidade do leitor em prever e antecipar o que ainda está por vir. Baseia-se tanto nas informações explícitas como nas inferidas, de modo que o leitor, no decorrer do processo, dificilmente tem consciência se determinado conteúdo estava explícito ou se foi inferido. Essa capacidade de prever é condição necessária para a leitura, uma vez que:

“A previsão é o núcleo da leitura. Todos os esquemas, scripts e cenários que temos em nossas cabeças – nosso conhecimento prévio de lugares e situações, de discurso escrito, gêneros e histórias – possibilitam ao leitor prever quando lê, e, assim, compreender, experimentar e desfrutar do que está sendo lido. A previsão traz um significado potencial para os textos, reduz a ambigüidade e elimina, de antemão, alternativas irrelevantes”. (SMITH, 1989:34)

Enfim, essas operações correspondem ao percurso de um leitor considerado maduro, crítico, ou seja, dizem respeito ao processamento de um texto para garantir sua compreensão. São estratégias que envolvem ações tanto automáticas como conscientes e monitoradas, tendo em vista as necessidades do leitor para construir uma representação mental coerente do texto.

### 3. O campo da significação em duas Cartas do Leitor

#### Carta 1 - SADDAM HUSSEIN (Veja, 10 de janeiro de 2007)

Reverenciemos e respeitemos os parentes e amigos dos milhares de curdos assassinados com gás mostarda, ou os cidadãos de bem metralhados, enforcados ou trucidados pelo monstro que felizmente se foi. Esquecer a forma como Saddam morreu é mais sensato do que discutir neste momento direitos humanos de tiranos que nunca deveriam ter nascido. (“Encontro marcado com a forca”, 30 de dezembro).  
David Axelband  
Rio de Janeiro, RJ.



No que se refere às estratégias de leitura empregadas no processo de compreensão do texto, podemos começar a análise da Carta 1, acima selecionada, pelo próprio título. Afinal, conforme exposto, o título de um texto pode fornecer informações relevantes ao leitor, porque torna acessível a ativação do conhecimento prévio do assunto tratado. Para Marcuschi (1996, p.79), “o título de um texto é sempre a primeira entrada cognitiva no texto. A partir dele fazemos uma série de suposições iniciais que depois podem ser modificadas ou confirmadas”.

Desse modo, o texto passa a ter mais significado devido à procura, na memória, de informações importantes à compreensão. Pelo título, o leitor passa a criar hipóteses que podem ser pertinentes ou não ao assunto. Essa estratégia de antecipação de informações é pertinente à Carta em análise – Saddam Hussein -, tendo em vista que se trata do tema central do texto. Ainda sobre o título, algumas informações prévias são relevantes:

- a) que fato foi noticiado sobre o assunto na mídia?
- b) qual é o texto-fonte que deu origem a esse discurso?
- c) qual é a biografia de Saddam? Como foi Saddam “em vida”?
- d) qual é o meu posicionamento, como leitor, acerca de Saddam Hussein?

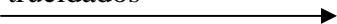
Ainda segundo Marcuschi (*id.*), “trabalhar os títulos de textos é uma boa forma de perceber como se constrói um universo contextual e ideológico para os textos antes mesmo de lê-los”.

Em relação ao título do texto-fonte (“Encontro marcado com a força”), cabe ressaltar a possibilidade de relacioná-lo (intertextualmente) ao romance de Fernando Sabino *Encontro marcado*.

Passando para uma análise mais funcional e cognitiva, chegamos aos *frames*, outro objetivo a ser cumprido nesse trabalho. Conforme já mencionado, Fávero (2006) apresenta os modelos cognitivos globais (*frames*, esquemas, planos, *scripts* e cenários) como “blocos de conhecimentos intensamente utilizados no processo de comunicação e representam de forma organizada nosso conhecimento prévio armazenado na memória”. (p.65)

Na Carta, temos os seguintes elementos:

assassinados  
metralhados  
enforcados  
trucidados



Os *frames* contêm o conhecimento comum sobre um conceito primário, por vezes situações estereotipadas, como Carnaval, Futebol, Sala de Aula etc. Ainda de acordo com Fávero (*id.*), “os *frames* estabelecem que elementos, em princípio, fazem parte de um todo, mas não estabelecem entre eles uma ordem ou seqüência (lógica ou temporal).”

Esses elementos que fazem parte de um *frame* dependem, também, da capacidade cognitiva de cada leitor. Assim, em assassinados, metralhados, enforcados e trucidados cada um desses elementos é um conceito, mas juntos constituem um *frame* sobre TORTURA ou MORTE, sem estabelecer entre eles uma seqüência (lógica ou temporal), porém formando uma rede de relações. Esses elementos também pertencem ao mesmo campo lexical.

Carvalho (1989), ao tratar dos campos de significação, apresenta as duas noções ligadas aos campos semânticos: o campo semântico da palavra e o campo semântico da noção.

“O campo semântico da *palavra* engloba todos os sentidos e conotações da palavra e se situa do lado do receptor; o campo semântico da *noção* engloba todos os termos a ela ligados e se situa do ponto de vista do emissor, pois deverá escolher palavras ligadas à noção a que quer se referir.” (p.31).

Nesse sentido, a seleção lexical, pertinente e cuidadosa, traduz, em sua plenitude, as reais intenções do produtor da Carta: revelar sua opinião favorável à morte do “monstro” ou

“tirano” Saddam Hussein. É por meio dessa escolha de palavras que o produtor manipula conscientemente seu discurso para revelar seu universo ideológico.

A sinonímia também é um princípio de construção textual do sentido, já que é contextualizadora. Para Koch (2004), é um mecanismo de coesão lexical, com função de reiteração, “que se realiza por meio de repetição de um referente textual pelo uso dos mesmos itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e expressões nominais”(…). (p.36)

A sinonímia – de ordem lexical – é responsável pela coesão referencial e, também, pode ser analisada como anáfora associativa, quando empregada com essa função de reiterar referentes textuais:

Reverenciamos e respeitamos os parentes e amigos dos milhares de curdos assassinados com gás mostarda, ou os cidadãos de bem metralhados, enforcados ou trucidados pelo monstro que felizmente se foi. Esquecer a forma como Saddam morreu é mais sensato do que discutir neste momento direitos humanos de tiranos que nunca deveriam ter nascido.

<b>REVERENCIAR</b>	v.t.d. 1. Tratar com reverência; venerar, honrar, adorar. 2. Fazer reverência; saudar ou cumprimentar respeitosamente; 3. Obedecer a, acatar, <b>respeitar</b> . (...)
<b>RESPEITAR</b>	v.t.d. 1. Tratar com <b>reverência</b> ou acatamento; venerar; honrar. 2. Ter medo de; temer, recear. (...) 6. Fazer justiça a; dar apreço a; reconhecer. (...)
<b>MONSTRO</b>	s. m. (...) 6. Fig. Pessoa <b>cruel</b> , desnaturada ou horrenda
<b>TIRANO</b>	[Do grego <i>twrannos</i> , “ <i>senhor absoluto</i> ”; “ <i>usurpador do poder</i> ”, pelo lat. <i>tyrannu.</i> ]. s.m. 1. Na Grécia antiga, indivíduo que usurpava o poder. 2. Governante injusto, <b>cruel</b> ou opressor, que abusa de sua autoridade. (...) 4. Indivíduo <b>cruel</b> , impiedoso, tirânico.

Podemos verificar que esses casos de sinonímia reiteram outros referentes textuais e contribuem para a expressão das opiniões do produtor: reverenciar e respeitar parentes e amigos dos curdos assassinados; monstro e tirano, referindo-se a Saddam. Podemos, ainda, incluir monstro e tiranos no *frame* da TORTURA/MORTE, uma vez que fazem parte do mesmo campo lexical, com o objetivo de caracterizar uma pessoa.

**CARTA 2 – SADDAM HUSSEIN** (Veja, 10 de janeiro de 2007)

Formalmente Saddam Hussein Abd al-Majid al-Tikriti, presidente do Iraque deposto por uma invasão para lá de questionável, foi condenado à morte em 5 de novembro por um tribunal iraquiano pelo massacre de 148 xiitas na aldeia de Dujail, em 1982, o que foi considerado crime contra a humanidade. E os outros? Inúmeros crimes contra a humanidade são perpetrados dia após dia em todo o globo terrestre e os facínoras que os comandam ficam absolutamente impunes. Será que, se o Iraque produzisse banana, abobrinha ou coco em vez de petróleo, Saddam teria subido ao patíbulo?

Márcio Assad  
Lapa, PR



Conforme dito, o leitor deve resgatar o conhecimento prévio que tem a respeito do assunto tratado, tomando o título como ponto de partida. A Carta apresenta informações para justificar a morte de Saddam e, ao mesmo tempo, para validar os questionamentos do produtor.

O conhecimento linguístico é constituído pelas informações que o interlocutor domina a respeito do código, das regras e dos conceitos. Durante o processamento do texto, as palavras são agrupadas em unidades significativas, visando à construção do significado.

Vanoye (1979) denomina *campo lexical* o campo semântico da noção apresentado por Carvalho (1989). Para ele,

“Campo lexical é o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa. A partir de um texto ou de um conjunto de textos, faz-se o levantamento de todas as palavras ligadas a uma noção(...). Pelo reagrupamento das palavras (opostas, sinônimas, associadas, etc.), obtém-se uma definição bastante precisa da noção dentro do texto considerado”.(p.34)

Nesse sentido, ter conhecimento dos conceitos empregados em cada escolha lexical, e em cada contexto de uso, possibilita a constituição do *frame* MORTE:

Invasão  
Condenado (à morte)  
Tribunal  
Massacre  
Crime (contra a humanidade)  
Crimes (perpetrados)  
Facínoras  
Impunes  
Patíbulo

Esses elementos, portanto, pertencem ao mesmo campo lexical no contexto em que estão inseridos. É possível perceber o interrelacionamento de campos lexicais no texto:

- a) campo da “morte”;
  - b) campo da “alimentação”;
- Será que, se o Iraque produzisse banana, abobrinha ou coco em vez de petróleo, Saddam teria subido ao patíbulo?

Esse uso (b), produzido em linguagem mais informal, revela um discurso irônico, tendo em vista que se trata de produtos sem valor agregado (banana, abobrinha e coco).

Há, então, um conflito entre o que se disse e o que se quis dizer, ou seja, diz-se uma coisa para que se entenda outra. A esse fenômeno linguístico – que é um recurso retórico – dá-se o nome de ironia. O uso da ironia indica uma atitude enunciativa reveladora das intenções do enunciador. Assim sendo, “se a ironia ridiculariza um alvo, por outro lado ela procura, por sua engenhosidade e pelo risco de não se efetuar, o rir da cumplicidade, da conivência”. (BRAIT, 1996, p.54).

A Carta 2 foi escrita considerando o mesmo contexto sócio-histórico da Carta 1: a morte de Saddam Hussein. A situacionalidade revela uma precisão de datas – dêiticos temporais -, inclusive com o número exato de xiitas (148) massacrados por Saddam. Novamente se resgata, para a compreensão da Carta, o conhecimento prévio sobre “vida e morte” de Saddam, instigando o leitor a se posicionar a favor ou contra o que é dito pelo produtor do texto.

O tom confessional dessa Carta encaixa-se com o que Bakhtin (1997) denomina de gênero e estilo íntimo, que se baseia na proximidade interior do falante (autor da carta) com o destinatário (editor da revista/leitor): o discurso é “impregnado de uma profunda confiança no destinatário, em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva”. (p.304). Nesse sentido, as cartas de tom confessional constituem uma forma de interação em que o enunciador espera encontrar no leitor uma recepção simpática, de compreensão e receptividade.

É nesse sentido que o produtor da Carta defende suas ideias e opiniões, tendo como referência a situacionalidade, manipulando o interlocutor e, também, direcionando suas

conclusões. Afinal, a linguagem é uma forma de interação social e nela as práticas ideológicas se efetivam. Assim como na Carta 1, o texto-fonte “Encontro marcado com a força” (Veja, 30/12/2006) originou esse discurso (Carta do Leitor), ativando um conhecimento anteriormente armazenado na memória do destinatário.

A intertextualidade é implícita porque há, no texto, intertexto alheio sem menção da fonte, “com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de colocá-lo em questão, para ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário”. (KOCH, 2004, p.146). Embora não haja menção da fonte, percebemos que os dados apresentados no texto-fonte serviram de matéria-prima para a construção de sentidos dessa Carta; nesse diálogo de textos, em que acontece o jogo de manipulação entre os interlocutores, “é que o produtor o texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido (...)”. (*id. ib.*)

O produtor da Carta argumenta, a partir do texto-fonte, orientando o interlocutor para outro sentido, diferente daquele construído na Carta 1: ele questiona uma invasão – “para lá de questionável” – e a morte de Saddam, revelando, por meio de perguntas retóricas, que “outros crimes contra a humanidade” são cometidos, mas ficam impunes. Ademais, o tom confessional expresso na Carta mescla-se, num jogo polifônico, com o discurso do senso comum, formando a chamada opinião pública: “tanto uma pessoa humilde e iletrada quanto um executivo de alto nível, com curso universitário completo, costumam dizer que os políticos são, em geral, corruptos (...)”. (ABREU, 2003, p.30)

Nesse sentido, essas ideias vão se cristalizando na sociedade, tornando-as justificativas para muitos fatos, para que algumas pessoas possam conduzir suas práticas justificando-as naquilo que é consenso, uma vez que o senso comum está intimamente ligado à questão ideológica e pode condicionar certos comportamentos.

Considerando o seguinte discurso do senso comum: “o rico nunca paga pelos crimes que comete, somente o pobre paga”, o propósito do produtor da Carta é questionar por que Saddam foi condenado por um crime que tantos outros “facínoras” também cometem e ficam impunes. O enunciador não cita, em momento algum, os EUA, mas deixa implícito, por meio da última pergunta retórica, o fato de que o petróleo foi o responsável pela morte de Saddam, ou seja, podemos traçar uma analogia de que o grande interessado pelo petróleo do Iraque foi, também, o responsável pela morte de Saddam. Essa analogia leva-nos de volta ao senso comum “rico nunca paga pelos crimes que comete”, ou, usando ainda o recurso da polifonia, “Quanto maior for a nau, maior a tormenta”, ou ainda, “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”.

#### 4. Considerações finais

No que tange ao modelo cognitivo de leitura, é essencial que não se tome o texto como algo acabado e completo. Ao contrário, deve-se entender o texto como algo que está em constante processo de transformação e recriação, principalmente no que se refere à leitura. O fato de buscar na memória informações que, aliadas aos conhecimentos novos disponibilizados pelo texto produzem sentidos diversos e, conseqüentemente, a compreensão do texto em questão, deixa claro que a significação constrói-se a partir de um constante ir e vir argumentativo. Nesse sentido, pode-se dizer que o discurso presente em ambas as Cartas analisadas apresenta um jogo manipulativo em que, por meio dos recursos linguístico-argumentativos e das estratégias cognitivas relacionadas à produção/recepção, os sentidos vão sendo apresentados, trabalhados, construídos e reconstruídos de acordo com o conhecimento dos sujeitos envolvidos na situação comunicativa.

Fica evidente que, nos trabalhos referentes à produção e, mais ainda, à compreensão de texto, não se deve dispensar o sócio-histórico, e no que confere ao gênero textual Carta do Leitor, tal aspecto se coloca de maneira bastante evidente, principalmente se levarmos em consideração a recepção/compreensão, pois é nesse momento que os conhecimentos são, devidamente, acionados, relacionados ao contexto e os efeitos de sentidos apreendidos.

Assim sendo, principalmente no que se refere à compreensão de texto, pode-se concluir que se trata de uma atividade de co-autoria, pois os sentidos são parcialmente produzidos pelo texto/emissor e parcialmente completados pelo leitor. No modelo psicolinguístico, a relação é leitor/texto. Ao ler, o leitor procura em sua mente imagens, visões, lembranças, a fim de interpretar e compreender o que está lendo. Após a leitura, nem o texto, nem o leitor serão os mesmos, afinal, os sentidos se transformam e são assimilados, estrategicamente, de acordo com a formação que o leitor quer dar a si como sujeito social, histórico e cultural.

Ao utilizar o processo cognitivo, o leitor estará realmente realizando uma atividade de produção de sentidos – será um leitor maduro realizando uma atividade criativa. E, no que se refere ao trabalho em sala de aula, por exemplo, embora o presente trabalho tenha focado suas análises apenas no gênero Carta do Leitor, é importante salientar que, para transformar o aluno num leitor maduro e autônomo, é essencial que o professor busque trabalhar com a diversidade de gêneros textuais, garantindo, assim, que o aluno seja submetido a textos publicitários, poéticos, narrativos, informativos, prescritivos etc. O professor deve partir do princípio de que a compreensão depende das relações que o leitor estabelece com o texto durante a sua leitura, partilhando com os alunos que todo texto é argumentativo, por isso é necessária uma análise dos mecanismos persuasivos utilizados para a sua construção.

## Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 6ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4ª ed. Campinas, SP, Pontes, 1995.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campina, Editora da UNICAMP, 1996.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1989.
- FÁVERO, Leonor. *Coesão e coerência textuais*. 11ª ed. São Paulo, Ática, 2006.
- GERALDI, João W. (Org.). *Portos de passagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo, Objetiva, 2001
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Lingüística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo, Martins Fontes, 2004. (Coleção Texto e Linguagem).
- MARCUSCHI, Luiz A. *Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. Encontro Interdisciplinar de Leitura.I*, Londrina/PR, 1984.
- \_\_\_\_\_. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? In: *Em Aberto*, Brasília, ano 16, nº 69, jan./mar.,1996.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a Leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989
- VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. Organização e apresentação de Ingedore V. Koch, São Paulo, Contexto, 1992.
- VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem*. Trad. e adap. Clarisse M. Sabóia *et al.* São Paulo, Martins Fontes, 1979.